

Cultura, Identidade e Infância: A Educação em um Contexto que Exige Transformação¹

Gabriela Vanni ARROYO²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

Resumo

O tema central deste trabalho é a cultura, a identidade e a infância. O principal objetivo foi compreender as relações sociais no desenvolvimento da criança, para tanto, conceituar cultura e identidade cultural se mostraram etapas necessárias. O método utilizado foi o exploratório, o que auxiliou no esclarecimento de pontos fundamentais e na formulação de hipóteses. Através do estudo, observou-se a relevância da educação enquanto elemento da cultura. O que possibilitou concluir que, como a cultura se altera, a educação também deve se alterar, não apenas a respeito do que ensinar, mas, principalmente, na forma de fazê-lo.

Palavras-chave: cultura; identidade cultural; infância; educação.

Introdução

Cultura, identidade e infância sintetizam a temática central deste trabalho. O interesse em estudar as crianças surgiu do fato de que muito se discute os valores, os símbolos e os significados da cultura ao se observar o comportamento de um indivíduo adulto. Entretanto, é na infância que se começa a associar a educação à necessidade de obedecer. Obedecer aos pais, aos professores, aos padrões do que se julga ser civilidade.

A educação é um processo que está intimamente ligado à cultura. Por isso, ao buscar compreender as relações sociais no desenvolvimento infantil, foi necessário, primeiro, entender os conceitos de cultura e de identidade cultural. A partir disso, tornou-se mais compreensível enxergar a formação do ser como um processo social. Para tanto, o principal método utilizado foi o exploratório, que possibilitou o esclarecimento de conceitos fundamentais e auxiliou na formulação de hipóteses. De modo que foi possível continuar a sustentar a principal delas: educar é um aspecto da cultura e, da mesma forma que a cultura se altera, a educação também pode (e deve) se alterar, não apenas a respeito do que ensinar, mas, principalmente, na forma de fazê-lo.

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016. Sob orientação do docente do Departamento de Ciências Humanas da FAAC-UNESP Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho: cbertolli@faac.unesp.br

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da FAAC-UNESP, email: gabi.v.arroyo@hotmail.com

Cultura e a Relação Entre o Público e o Privado

Independente do período histórico e da sociedade a qual se observa, é a compreensão da cultura que permite que dada realidade seja entendida com mais verdade. Mas não apenas isso. A cultura também se revela importante quando o processo segue o sentido contrário (de dentro para fora), auxiliando na identificação daquilo que se pode denominar de espírito unificador de determinado grupo. Por esses motivos que é considerado de extrema importância debruçar-se sobre o seu conceito. Ou conceitos.

“O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, aponta Geertz (1978, p.15), que ainda acrescenta: a cultura é a teia e estudá-la não é criar leis, é procurar significados. Nessa busca, o autor cita a obra *Mirror for Men* (1949) de Clyde Kluckhohn, na qual se encontra onze definições de cultura. São elas:

- (1) “o modo de vida global de um povo”; (2) “o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo”; (3) “uma forma de pensar, sentir e acreditar”; (4) “uma abstração do comportamento”; (5) “uma teoria elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente”; (6) “um celeiro de aprendizagem em comum”; (7) “um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes”; (8) “comportamento aprendido”; (9) “um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento”; (10) “um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens”; (11) “um precipitado da história”. (KLUCKHON *apud* GEERTZ, 1978, p.13 - 41).

Observa-se que, apesar da cultura poder se manifestar em cada ser de forma aparentemente individual (como dá a entender no item 3, “uma forma de pensar, sentir e acreditar”), ela só ganha sentido ao ser percebida coletivamente. Isso porque, até o pensar, o sentir e o acreditar podem ser subjetividades que derivam de um contexto. Nesse ponto, chega-se a um impasse. Então, a cultura é uma conduta padronizada, imposta da sociedade para o indivíduo, ou um estado da mente que o indivíduo externiza para a sociedade?

Geertz (1978, p.20) defende que essa não é a questão central a cerca da cultura, pois acredita que “o comportamento humano é visto como ação simbólica”. Assim, a cultura pode não ser física, mas também não é algo que se esconde em si mesma. Por isso, o antropólogo afirma que a relevância no estudo da cultura não está em descobrir a sua origem e, sim, no por que ela é importante, ou seja, o seu significado. Para ele, o ponto crucial está em saber “o que está sendo transmitido com a sua ocorrência”. Disso, uma afirmação pode ser feita: cultura é comunicação.

A comunicação é construída pelo ser que comunica, comunicar é “torna comum; fazer saber [...] pôr em contato ou relação; ligar, unir” (FERREIRA, 2008, p.251). Ou seja, é necessário mais do que um indivíduo para que o processo seja efetivo. Pois o homem que já sabe não precisa fazer saber a si mesmo. Assim, o tornar comum ocorre, exatamente porque se precisa fazer saber a quem ainda não sabe. Por isso, que é um saber público. O mesmo acontece com a cultura. “A cultura é pública porque o significado o é” (GEERTZ, p.22).

Em “O homem cordial”, Sergio Buarque de Holanda (1976, p.101) contrapõe o que é público do que é privado, afirmando que o brasileiro tem dificuldade em compreender que “o estado não é uma ampliação do círculo familiar”, o que significa dizer que, aqui, o ambiente público (estado, enquanto espaço da vida social) e o privado (família) não se diferenciam, de modo que o convívio civilizado se vê dificultado.

Sobre a obediência, ele cita que “só deve ser estimulada na medida em que possa permitir uma adoção razoável de opiniões e regras que a própria criança reconheça como formulada por adultos que tenham experiência nos terrenos sociais em que ela ingressa” (HOLANDA, 1976, p. 103). Ter experiência, não quer dizer ter razão ou dominar a verdade sobre dada situação. Significa apenas já ter vivenciado algo, o que pode ter ocorrido de forma consciente ou não. Assim, quando uma criança desobedece aos pais, ela está colocando em cheque a ordem transmitida e isso pode auxiliá-la na construção da sua própria individualidade e, em certa instância, na aquisição da sua autonomia.

Seria engano supor que as virtudes do brasileiro possam significar ‘boas maneiras’ ou civilidade. É justamente o contrário, o ‘homem cordial’ não é polido, já que, para Buarque, polidez “é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade” (p.107). O que revela que a cordialidade do caráter nacional, por não ser polida, expõe os brasileiros ao aspecto coercivo da civilidade:

Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo triunfo do espírito sobre a vida. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo. (HOLANDA, 1976. p. 107 - 108).

Tal entendimento de Buarque quanto ao que deve ser o comportamento público dos homens não vai de encontro ao sentido de cultura pública definida por Geertz. Buarque parece defender a polidez acima das relações já convencionadas. Enquanto Geertz defende

uma cultura sem manipulações, pois, se assim não fosse, de nada adiantaria buscar o significado dos comportamentos, já que se chegaria a conclusões que não condizem com a real intenção.

Identidade Cultural

Para que se possa entender o que é identidade cultural e, conseqüentemente, a sua importância no contexto cultural, é necessário compreender primeiro o que é identidade. Stuart Hall defende três concepções de identidade, cada definição ligada a um sujeito distinto, o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno.

A concepção de identidade do sujeito do Iluminismo se baseava em um ser humano racional e centrado, capacidades que nasciam com o indivíduo e permaneciam com ele durante toda a vida. “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa [...] essa era uma concepção muito individualista”, aponta Hall (2002, p.10).

Já o sujeito sociológico começou a se questionar sobre a sua autossuficiência em compor o seu ‘núcleo interior’, chegando à conclusão de que a composição da sua identidade sofria influência de outras pessoas, de modo que os valores, os sentidos e símbolos não eram aspectos particulares, e, sim, elementos da cultura. Assim, concluiu-se que era a ‘interação’ entre o indivíduo e a sociedade que formava a identidade de cada ser. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”, esclarece Stuart Hall (2002, p.11).

Tal concepção atribuiu à identidade o papel de aproximar o privado (que ele chamou de mundo pessoal) do mundo público. Com isso, o indivíduo viu seu ser em si (que representa o privado) unificado com o ser que habita o espaço social (que representa o público). Essa explicação de identidade parece dar suporte ao pensamento de Buarque em “O homem cordial” (1976), pois, afinal, não separar o público do privado é a grande crítica feita ao caráter brasileiro.

Voltando a Hall, o sujeito pós-moderno é aquele que não tem uma identidade que nasceu com ele ou que seja capaz de ser permanente. Pois, o sujeito sociológico ao ingressar no processo de identificar suas identidades culturais, acabou fazendo delas algo provisório e variável. Dessa forma, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou

interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1978 *apud* HALL, 2002, p.13).

A razão para essa identidade ‘móvel’ pode se justificar na própria característica ‘móvel’ da sociedade, que deixou de ser vista como algo unificado. Nesse trecho, Hall (2002, p.16) cita Laclau (1990), afirmando que o que passou a caracterizar as sociedades são as diferenças.

Diante de tantas possibilidades e alternâncias do que é identidade, torna-se mais claro o entendimento do que Duche quis dizer com “o conceito de identidade cultural se caracteriza por sua polissemia e sua fluidez” (1999, p.176). Torna-se mais nítido também a compreensão de que identidade e cultura são aspectos da existência do homem que não se separam. Entretanto, constatar isso, faz surgir mais uma dúvida: o que, então, diferencia a identidade cultural da cultura em si? Duche responde:

Não se pode, pura e simplesmente confundir as noções de cultura e identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (CUCHE, 1999. p. 176).

A cultura pode ser entendida como um contexto do qual não se sabe claramente que está inserido. Sendo que, apesar de não existir a consciência, ela continua a influenciar no pensar e no agir do homem. Pois não é algo que cabe ao ser humano escolher, já que existir socialmente implica, como consequência, em existir em dada cultura. Já a identidade cultural, certifica o homem de que ele ou está inserido ou está excluído em relação a determinado grupo. Estar inserido significa compartilhar, de forma geral, dos mesmos pressupostos. Estar excluído representa que existem diferenças o suficiente para que a barreira que divide quem está dentro e quem está fora do grupo continue segura. “Nesta perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural”, sintetiza Duche (1999, p.177).

Infância, Cultura e Comunicação

Discutir sobre cultura, observando suas influências na vida de um adulto, parece algo mais fácil do que estudá-la em seres que ainda estão em processo de formação e

crescimento. Por outro lado, reside aí o benefício: enquanto os adultos têm a máscara da polidez, as crianças, até certo momento, vivem livres da consciência de saber que estão constantemente sendo oprimidas.

A partir do momento em que é concebida, o ser está se desenvolvendo. Para Roberta Berns (2002), que estuda a psicologia do desenvolvimento, alguns dos aspectos responsáveis pelo crescimento são: a hereditariedade, a percepção, o social e a personalidade. Ela afirma que apesar das partes operarem simultaneamente no corpo humano, o estudo ocorre de forma separada. Como o objetivo do presente trabalho é compreender a influência da cultura e das relações sociais no desenvolvimento infantil, aqui também o estudo será fragmentado, focando na criança enquanto ser que vive em sociedade.

A criança conhece o mundo pela sensação e pela percepção, processos que se caracterizam pelas representações e interpretações das coisas por meio dos sentidos (BERNS, 2002, p.229). Talvez seja devido a uma compreensão equivocada desses processos que a agressão física tenha sido permitida por tanto no processo de educar.

Hoje, entende-se com mais clareza que a criança ao sofrer uma retaliação física por determinado comportamento, provavelmente, não repetirá a ação devido ao medo da retaliação que aquele comportamento desencadeou e não por ter se conscientizado de que aquela forma de agir em si não é boa. Perceber isso revela que muitos indivíduos, já na vida adulta, não se comportam de outra maneira, não porque acreditam que vivem da melhor forma que poderiam viver, mas porque a dita civilidade a qual foram expostos na infância os impossibilitou de refletirem sobre hábitos que, hoje, já estão incorporados.

Ao pensar na sociedade brasileira atual, pode-se citar a questão de gênero como um comportamento cultural que continua a ser imposto às crianças. De modo que é a educação diferenciada que, no fim, afastam meninas e meninos. Existe um contrato social capaz de determinar que o gênero da criança tem o poder de definir aspectos da sua vida em sociedade, como: o modelo do brinquedo com qual se deve brincar, a cor da roupa a qual se deve usar e, até mesmo, a forma como deve posicionar as pernas ao se sentar.

Quem definiu que a menina deve brincar de boneca, usar rosa e se sentar com as pernas fechadas? Quem determinou que o menino deve brincar de carrinho, usar azul e se sentar de pernas abertas? Não existe um único ser a quem se possa personificar toda a culpa, pois, hoje, tal comportamento já está culturalmente enraizado. Entretanto, falar em cultura não é se isentar da culpa, até mesmo porque, como Duche (1999) afirma, ela pode

ser modificada. A questão é que as mesmas pessoas que deveriam modificá-la são as que reproduzem esse comportamento, seja isso consciente ou não.

Nesse contexto, a identidade cultural começa a revelar a sua importância. Pois, a partir dela, grupos se formam, como já citado anteriormente, determinando excluídos e inclusos, de modo que “o que cria a separação, a ‘fronteira’, é a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica” (CUCHE, 1999, p. 200). A vontade de se diferenciar e tornar autêntica a própria identidade é uma das características do sujeito pós-moderno defendido por Hall (2002), de modo que, segundo ele, tal aspecto da identidade é capaz de causar mudanças estruturais em uma sociedade.

Uma sociedade com estruturas modificadas acaba por modificar as próprias instituições. O que inclui a família e a escola, ambientes em que as crianças passam a maior parte do tempo e recebem grande parte da educação. Como consequência da reorganização, torna-se inevitável observar a mudança na mídia, que nada mais é do que um recorte da própria sociedade.

O interessante é que, mesmo antes da mudança efetiva, é possível observar na mídia temas que antes não eram discutidos e, agora, já começam a ser pautados. Talvez, porque a reestruturação social causada pelos grupos com identidades distintas não seja algo abrupto e, sim, uma mudança gradual e constante. O que pode fazer com que a mídia, pouco a pouco, vá captando a necessidade de mudança.

A edição de fevereiro de 2015 da revista Nova Escola, da editora Abril, exemplifica como os veículos de comunicação podem abordar temáticas que no espaço social já se comprovam realidade:



Imagem: capa da revista Nova Escola, edição 279 de fevereiro de 2015.

Entretanto, apostar em uma temática assim é algo arriscado para os grandes veículos. O motivo só revela a lógica de opressão ao diferente: o público foi educado para não desejar ver esse tipo de notícia. Os motivos que levam os indivíduos a se posicionarem assim pode até ser o fato de que eles não se sentem pertencentes ao “grupo de meninos que gostam de usar vestidos”, porém, a ‘exclusão’ de determinado grupo não dá a ninguém o direito de agredir os ‘inclusos’.

Agressão essa nitidamente observada nos comentários da matéria³. Os comentários, por sua vez, geram revolta que, frequentemente, também não são controladas pela razão de quem discorda. Mas e se, no fim, aqueles que externizam agressividade e preconceito, não o fazem porque, ainda pequenos, foram educados com violência e opressão? Se as instituições precisam rever suas estruturas quando uma mudança cultural acontece, é sinal

³ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/educacao-sexual-precisamos-falar-romeo-834861.shtml>> Acesso em: 22 fev 2016

que a própria educação não pode mais ser da forma que fora. Tal constatação leva a outra: educar também é um aspecto da cultura e, como ela, pode (e deve) se alterar.

Nesse cenário, surge a educomunicação que, de acordo com Schaun (2002, p.14), busca dar outros significados aos movimentos comunicativos, percebendo no processo educativo um dos caminhos para reorganizar o poder das instituições sociais, “como um lugar de cidadania”, do qual “emergem novas esteticidades e eticidades (modos de perceber e estar no mundo)”.

Conclusão

Buscou-se no presente trabalho compreender a influência da cultura e das relações sociais no desenvolvimento infantil, (embora tenha se tomado como base certas ações do comportamento adulto). Para tanto, foi de extrema importância e necessidade, primeiro, conceituar o que é cultura e o que é identidade cultural. Assim, em última instância, foi possível chegar ao entendimento de como se dá a relação entre mídia e diversidade, já que a diversidade se mostra presente, principalmente, entre os indivíduos que compartilham dos símbolos e valores da mesma cultura, atribuindo, entretanto, significados distintos a eles.

O estudo possibilitou concluir que a identidade cultural tem um papel relevante nas transformações culturais, podendo alterar estruturas e instituições, principalmente, quando o grupo se vê consciente da sua diferença e faz dela uma forma de impactar os outros indivíduos que compartilham dos mesmos espaços sociais, sejam eles públicos ou privados. Pois, como explicou Hall (2002) a respeito do sujeito pós-moderno, e é possível confirmar no posicionamento de Cuche (1999, p.183-185): “a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais [...] a identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais. Nem todos os grupos têm o mesmo ‘poder de identificação’”.

Voltando-se para o primeiro contato do homem com a sociedade, foi possível constatar como a infância é primordial para o desenvolvimento social do ser. Nesse processo, notou-se também como a família e a escola oprimem o ser humano na tentativa de torná-lo civilizado. “Na civilidade há qualquer coisa de coercivo”, afirmou Buarque (1976, p.107).

Independente da sociedade em que se está inserido, viver socialmente é ver-se moldado pelo e para o convívio coletivo. Pois, considera-se que a civilidade possibilite aos

indivíduos viver em harmonia. Entretanto, essa harmonia está construída nas bases do que Buarque (1976) chamou de ‘polidez’, seja em maior ou menor grau.

A educação é utilizada nesse processo de civilizar. A questão é que, se ela não acompanhar as transformações indenitárias e culturais, acabará oprimindo duas vezes: a primeira pelo simples fato de impor algo e a segunda por impor algo que não mais condiz com a realidade do momento. Assim, o presente estudo possibilitou ver como a educação está inserida de forma significativa no processo cultural. Pois, é responsável por grande parte da formação de quem, no futuro, estará impondo os padrões: as crianças de hoje.

Perceber que cultura, educação e comunicação interagem e não apenas influenciam comportamento, mas os moldam, serviu como introdução ao estudo do universo infantil. A partir daqui, a intenção é buscar compreender a relação específica dessas três esferas, tanto entre elas quanto na formação da criança. Para que assim, se possível, se possa alcançar o entendimento de como inserir o individuo no convívio social sem transformá-lo em um ser totalmente oprimido ou opressor.

Referências

BERNS, Roberta. **O desenvolvimento da criança**. Tradução: Cecília Bartalotti e Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 1994. 797 p.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura em Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 175 – 202.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o minidicionário da Língua Portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. 896 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.13 – 41.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 101 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O homem cordial**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 9º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 101 – 112.

SOARES, Wellington. **Educação sexual**. Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/educacao-sexual-precisamos-falar-romeo-834861.shtml>> Acesso em: 22 fev 2016

PORTAL IMPRENSA. “**Nova Escola**” debate o gênero na educação básica e coloca menino de vestido na capa. Disponível em:

<<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/70778/nova+escola+debate+o+genero+na+educacao+basica+e+coloca+menino+de+vestido+na+capa>> Acesso em: 22 fev 2016

SCHAUN, Angela. **Educomunicação**: reflexos e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 128 p.